

## APRESENTAÇÃO DO PESQUISADOR

Minha carreira docente teve início há onze anos: prestes a concluir a primeira graduação em Licenciatura em Química pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – USP, recebi o convite para trabalhar em uma escola privada no interior do Estado de São Paulo, lecionando ciências para as então turmas de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental.

Desde que entrei na sala de aula pela primeira vez, minha maior preocupação como professor era de “não repetir” as metodologias de ensino que tive como base formativa e que julgava não serem adequadas para mim. Sempre fui muito inquieto, daqueles que hoje são classificados como os “hiperativos” (sorte a minha não ser um termo da moda nos idos da década de 90), e as fileiras e o silêncio das aulas eram muito “chatos” para mim. Sempre aprendi muito mais estudando em casa, do meu jeito. Desde muito cedo, a experimentação e a busca por novas informações faziam parte de meu dia-a-dia. Pesquisar, descobrir e tentar entender o porquê “das coisas” eram hábitos diários. As aulas, na minha época de aluno, não eram desafiadoras, porque o professor mostrava um conceito, dificilmente perguntava o que pensávamos sobre ele e já na sequência ofertava respostas, sem dar tempo para investigarmos. Também não havia internet naquela época, e ninguém questionava essa metodologia, já que era na escola que obtínhamos informações.

O espírito de pesquisador, portanto, me acompanha desde há muito e é o que me ajuda a diferenciar as minhas aulas das aulas que eu tive e não gostava: com carteiras enfileiradas e o aluno sempre quieto. Prefiro a discussão. Gosto que o aluno se expresse. Seu protagonismo, em minha aula, tem vez.

Neste contexto para tratar de um grande problema advindo desta minha preocupação com o protagonismo do aluno: percebi que eu não sabia trabalhar assim! A aula que eu planejava sempre se tornava uma algazarra, e isto incomodava (a mim, aos alunos, à direção e a alguns pais também acostumados e fiéis ao modelo tradicional de ensino). Eu tinha a convicção de que este era o caminho, mas eu precisava aprender como fazer. E, até aprender, minhas aulas foram intercaladas com exposição e raros momentos de diálogos (trouxe para minhas aulas os modelos que eu não gostava, mas que tinham sido exemplos e me permitiram trabalhar até aprender, com certa propriedade, como desenvolver técnicas para conduzir aulas diferentemente).

Desta minha inquietação por querer fazer diferente de como fui ensinado - e pelo fato de não estar conseguindo, busquei a ajuda em um curso de pós-graduação em Psicopedagogia